

MARÇAL AQUINO

# Baixo esplendor



## *Créditos*

*Para Daniela*

*Aún te quedan cosas por perder.*

*No desesperes.*

Horacio Castellanos Moya,

*Cuaderno de Iowa*

SUOR

# 1.

Uma vez, os dois estavam na cama, nus, ainda fumegantes depois do sexo, tentando aproveitar ao máximo a brisa que mal conseguia mexer as cortinas da janela. Nádia virou-se para ele e disse:

Se a minha buceta falasse, ela diria o seu nome.

Ele riu. Não apenas por ter achado graça. Riu porque, até aquele momento, Nádia não sabia o seu nome verdadeiro.

## 2.

Numa das operações em que atuou como infiltrado, o alvo era uma quadrilha de ladrões de carga que agia em diversos lugares do país. Um esquema profissional, planejado em minúcia de uma ponta a outra: os ladrões mantinham uma rede própria de receptadores, pagavam bem por informações privilegiadas, sabiam de antemão o que iriam roubar.

Ele levou quase três meses para conseguir entrar. Começou frequentando um salão de bilhar na parte velha da cidade, onde, de acordo com a dica de seu informante, integrantes do bando costumavam aparecer. Demorou, ele teve paciência, bebeu litros de rabo de galo, pagou inúmeras rodadas de cerveja e houve tempo ainda para recuperar a velha forma no jogo de sinuca, paixão de juventude. Até a noite em que se viu compartilhando o feltro verde de uma mesa com dois desses homens, Ingo e Moraes.

Usava nessa operação o codinome *Miguel*, homenagem a um amigo que ladrões tinham matado ao descobrir que assaltavam um policial. Ele, às vezes, investia na composição de um personagem: chegou a adotar óculos, bigode e costeletas, raspou a cabeça numa ocasião, em outra criou barriga, engordou quase dez quilos. Nesse caso, contentou-se com a aparência descuidada — barba por fazer, cabelos em desalinho, camisa aberta no peito peludo. Ficou parecendo um taxista de frota, na opinião do delegado Olsen, que chefiava a operação.

Aos novos amigos, Miguel forneceu fragmentos de uma biografia da qual constavam contrariedades com a lei por roubo de carro e porte ilegal de arma, além de uma tentativa de homicídio — tinha baleado um comparsa com quem se desentendeu na hora de dividir o produto de um roubo.

Atirei primeiro, antes que ele atirasse em mim, explicou aos dois.

Moraes riu da façanha, expôs dentes de cavalo sujos de nicotina. Ingo quis saber o que havia acontecido com o homem.

Perdeu o baço, mas sobreviveu, Miguel contou.

Curvando o tórax sobre a mesa, Ingo tentou uma jogada de efeito, errou e a bola acabou parando na boca da caçapa.

E você não tem medo que ele apareça atrás de vingança?

Não vai acontecer, Miguel disse. A polícia matou esse sujeito.

Era sua vez de jogar. Enquanto passava o giz azul na ponta do taco, estudou a disposição das bolas que ainda restavam na mesa. Com um pouco de capricho, poderia liquidar a partida em meia dúzia de tacadas. E foi o que aconteceu. Aborrecido, Ingo depôs o taco na lateral da mesa.

Pra mim, deu. Vamos beber que a gente ganha mais.

Miguel recolheu o dinheiro das apostas e alinhou as notas, antes de abrigá-las na carteira. Jogavam fazia horas e ele levava ampla vantagem. Reclamou:

Logo hoje que estou com sorte?

Sorte?

Moraes também se livrou do taco, fixando-o no suporte preso à parede.

Sabe o que eu acho, Miguel? Você deve estar pensando que encontrou dois patos e fica aí fingindo que não sabe jogar, pra tomar a nossa grana...



Os três ocuparam banquetas junto ao balcão do bar e pediram cervejas e mortadela de tira-gosto. Ingo e Moraes se distraíram acompanhando o jogo disputado numa mesa próxima. Miguel aproveitou para observá-los.

Ingo era alto, largo, mais para pesado. Tinha sotaque do Sul, olhos claros e a pele avermelhada pelo sol. O cabelo, loiro, começava a rarear no alto da cabeça. Bem mais baixo, atarracado, de pele escura, o dentuço Moraes mantinha o cabelo crespo contido por um rabo de cavalo. Parecia um músico de vanguarda. Sempre retesado por um tipo de tensão.

Eram, ambos, homens desconfiados, lacônicos, cheios de reserva. Miguel calculou que não iriam baixar a guarda com facilidade. E foi surpreendido quando Ingo perguntou se ele não estaria interessado em participar de um serviço com uns amigos.

Que tipo de serviço?

Daqueles que dão uma boa grana, Moraes falou.

É coisa ilegal?

Ingo balançou a cabeça, divertido.

Que é isso, ladrão? Daqui a pouco, você vai querer trabalhar com carteira assinada.

Os três riram, o clima entre eles se distendeu. Exceto por aquela tensão que fazia Moraes trincar a mandíbula. Era o mais nervoso da dupla, o que Miguel já havia detectado durante as partidas.

Tinha percebido também, numa das vezes em que Ingo se inclinou sobre a mesa para dar uma tacada, que ele carregava uma pistola — viu, de relance, o cabo da arma no cinto, às costas dele. Moraes vestia um agasalho esportivo escuro, com o zíper puxado até o pescoço, forte indício de que também estava armado. Miguel levava um 38 de cano curto no coldre preso ao tornozelo.

Na mesa à frente, os dois jogadores começaram a discutir. Miguel espetou um cubo de mortadela e o exibiu diante do focinho da Baronesa, uma gata rajada, a mascote da casa, que continuou deitada sobre o balcão, sem nenhum interesse pela oferta.

Qual é o serviço, afinal?

Os dois homens se entreolharam antes de Ingo dizer:

Na hora certa, você vai saber.

Miguel pôs na boca a mortadela recusada pela gata e mastigou. Ergueu a cabeça:

Nessa hora eu digo se topo, combinado?

A frase desagradou a dupla. Moraes suspirou, deu para ouvir os dentes rilhando. Ingo reagiu:

Não pode ser assim, Miguel. Você tem que dizer sim ou não agora, na confiança.

Ele não falou nada por um tempo, que gastou mastigando e acompanhando o desenrolar da discussão entre os jogadores na mesa de bilhar vizinha — ambos brandiam seus tacos para enfatizar o que falavam, e riam, estava claro que não ia dar em nada. Miguel corria um risco calculado com Ingo e Moraes, imaginava que ter aceitado de imediato o convite poderia soar suspeito. Prolongou o silêncio ao limite. Num gesto estudado, digno da época do curso de teatro, ainda bebeu um gole de cerveja antes de falar.

Tá bom, disse, por fim. Estou dentro.

E ergueu o copo. Ingo e Moraes brindaram, satisfeitos. Baronesa saltou para o chão e, em seu passo aristocrático, desapareceu entre as mesas de bilhar.

Nesse momento, Ingo se levantou e avisou que iriam sair. Moraes rabiscou o ar, pedindo a conta ao homem atrás do balcão.

Você tem cerveja em casa, Miguel?

Acho que não, Moraes.

A gente vai pra lá.

Agora?

É, agora.

O balconista sacou a caneta que levava presa à orelha e apontou as despesas num papel pardo, incluindo o período de utilização da mesa de bilhar, que em geral cabia aos perdedores. Moraes informou que iriam levar algumas cervejas.

Miguel não esperava por aquilo, ou não tão rápido. Ele aguardou que o homem concluísse a conta, depois retirou dinheiro da carteira e pagou tudo, sob o olhar satisfeito dos novos amigos. Tinha comentado que vivia sozinho numa casa na zona norte, após uma separação.

Ia começar a fase de averiguação. Na etapa seguinte, de acordo com o informante, ele seria batizado — ou morto, se descobrissem alguma coisa que os desagradasse.

Miguel estava relaxado. Levava na carteira documentos suficientes para comprovar que era quem dizia ser. (Sem esquecer o trezoitão no tornozelo direito.) Isso lhe dava confiança para jogar com os nervos daqueles homens. Ingo permanecia em pé, enquanto Moraes aguardava que o balconista providenciasse as cervejas que iriam levar. Miguel continuava sentado na banquetta, e não se moveu nem quando Moraes recebeu as sacolas com as cervejas. Ingo captou certa hesitação.

Algum problema, Miguel?

Não, Ingo, tudo certo. É que eu não estava esperando receber visita em casa hoje e tá tudo meio bagunçado, sabe como é, casa de homem solteiro...

Ingo o interrompeu. E olhou ao redor — o movimento no salão era grande, quase todas as mesas se viam ocupadas naquele instante.

A gente só precisa de privacidade. E de uns aditivos.



A casa em que Miguel estava morando era um sobrado discreto, com a garagem descoberta e um jardim em estado de feliz abandono na frente, onde crescia até mesmo um tomateiro. Ele abriu a porta e acendeu a luz. Os visitantes se viram numa sala mobiliada com o mínimo: um aparelho de TV preso num suporte, um sofá de couro barato escoltado por um tapete puído e uma mesa de centro; numa placa de cortiça na parede estava espetado um solitário cardápio de pizza por telefone. Na prateleira, dois elefantes, um verde, de porcelana, o outro um elefante indiano, enfeitado, mostravam o traseiro para a porta de entrada. Um lençol escuro fazia as vezes de cortina na ampla janela de vidro. Miguel se apressou em explicar que a ex havia levado a maior parte das coisas.

Acomodaram-se na cozinha, que, acanhada, acabava por tornar-se aconchegante. Abriam as cervejas, Miguel ofereceu uma cachaça paraibana que tirou de um armário, Moraes enrolou um baseado da grossura de um polegar, um fumo forte, impregnante, na avaliação de Miguel, que não usava drogas com frequência e ficou bem baratinado. Tanto que só conseguiu reter de maneira imprecisa o que aconteceu em seguida.

Lembrava que Ingo deu início a um interrogatório. Miguel se postou na defensiva, alerta, respondendo com cuidado as perguntas que foram formuladas. Moraes ficou fumando e bebendo em silêncio. Vez por outra, ajustava o elástico que prendia o rabo de cavalo. Um tique.

Ingo estava interessado, em particular, nas ligações de Miguel com o submundo, que, na realidade, inexístiam, e achou curioso que não tivessem amigos em comum no meio da malandragem, dentro e fora da cadeia. Diversos nomes e apelidos foram mencionados; de alguns, Miguel tinha apenas ouvido falar, outros nem isso — com exceção de

um, que ele conhecia bem, mas achou prudente não revelar: seu informante.

A despeito de sua larga experiência no trato com a bandidagem, Ingo enfrentou alguma dificuldade para classificar o homem sentado à sua frente, de aparência desleixada e olhos injetados pelo fumo, que bebia devagar, como se temesse perder o controle. Talvez não passasse mesmo de um malandro pé de chinelo, como aparentava ser. Ou talvez fosse alguém com um enorme potencial ainda não aproveitado.

Escapou à percepção de Miguel, um tanto embotada pela mistura álcool-THC, o sinal que Ingo fez para Moraes, que se ergueu e perguntou onde ficava o banheiro. Miguel indicou a sala iluminada por mais luzes do que seria necessário.

Tem um lavabo embaixo da escada. Fique à vontade.

Ingo reabasteceu os copos, esvaziou a garrafa — Miguel mal tocara em sua cerveja — e levantou-se para colocá-la sobre a pia. Abriu a geladeira, pegou outra cerveja e voltou a sentar-se.

Quanto tempo faz que você está morando sozinho aqui, Miguel?

Não sei, uns cinco, seis meses...

Tem namorada?

Só rolo, nada fixo.

Quer dizer, pode viajar sem dar satisfação pra ninguém?

Miguel confirmou.

Você gosta de aventura?

Quem não gosta, Ingo? Desde que a gente não se foda no final, né?

Ingo jogou a cabeça para trás, riu de mostrar os molares. Havia simpatizado com Miguel desde o salão de bilhar. Empatia instantânea. Com ele era assim: ou gostava ou detestava logo de cara. E tinha também o fato de que Miguel lembrava o irmão caçula dele,

Cornelius, o Lico, que nunca teve ligação com o crime e morreu num acidente besta no dia do aniversário da mãe deles. Ingo não se conformava com esse tipo de ironia da vida.

Nessa altura, começaram os ruídos no andar de cima. Miguel ergueu os olhos para o teto da cozinha.

O Moraes se perdeu...

Ele fez menção de se levantar, porém um gesto de Ingo o deteve.

Deixa o Moraes pra lá. A nossa conversa ainda não acabou.

Miguel pediu desculpas e tornou a sentar. Ouviram, acima deles, de maneira nítida, o barulho da cama sendo arrastada. Moraes vasculhava o quarto — difícil saber o que procurava.

Me diga uma coisa, Miguel: você tem alguma arma...

Ingo fez uma pausa e apontou sob a mesa.

Além do 38 que tá no seu tornozelo?

Por instinto, Miguel recolheu a perna na qual levava o revólver. Admirou a perspicácia de Ingo, de bobo aquele sujeito não tinha nada.

Ingo vinha de uma família de classe média do oeste paranaense. Além do falecido irmão caçula, tinha uma irmã. Era pai ausente de cinco filhos e um homem de múltiplas vocações, que, talvez por falta de empenho, acabou não se realizando em nenhuma delas. Fez um pouco de tudo na vida, deu até aula em cursinho. Mas detestava trabalhar confinado. Enveredou no crime por influência de uns primos: envolveu-se com o contrabando na fronteira e descobriu as delícias da vida ao ar livre que a atividade propiciava. Daí, virou ladrão, operando com mais frequência na região de Foz. Roubava de tudo. Era sério, disciplinado e implacável com as falhas dos homens com quem trabalhava. Nunca havia posto o pé numa cadeia, nem mesmo para visitar algum amigo. Só os mais chegados, muitos de vida torta igual, sabiam das reais ocupações de Ingo. Ele se



apresentava como corretor de imóveis, tinha cartão com o nome em relevo e um telefone de contato — e era mesmo um especialista em entrar em propriedades alheias, só que sem o consentimento dos donos.

Vou arrumar um berro melhor pra você, Miguel.

Ingo tomou um gole de cerveja e, em seguida, reacendeu o que restava do baseado, que ficara sobre a mesa num pires improvisado como cinzeiro. Puxou duas, três vezes, para avivar a brasa, antes de tragar. Após uns segundos, soprou a fumaça densa no ar da cozinha. Deu mais um pega demorado, de franzir os olhos, e ofereceu o cigarro incandescente a Miguel, que recusou.

Já estou bem chapado.

Por alguma razão, Ingo achou aquilo hilário. E desandou a rir. Riu até engasgar com a fumaça da maconha, e tossiu de se contorcer e lacrimejar, sem interromper o riso. De repente, do nada, Miguel aderiu — gargalhou. Também sem motivo, por contágio. O que só piorou o quadro: Ingo foi atingido por uma nova onda de risadas. Cacarejava.

No auge do embalo, Miguel se deu conta de como estavam alterados seus sentidos. Mesmo em meio àquele acesso de riso estúpido, conseguia ouvir, à parte, o barulho de uma moto que passava na rua, ao mesmo tempo que registrava o som da descarga do banheiro sendo acionada no andar de cima.

Moraes surgiu de volta na cozinha. Foi a senha para que mais uma rodada de gargalhadas acomettesse Miguel e Ingo. Moraes nem se esforçou para entender o que acontecia. Sem dizer nada, pegou o baseado da mão de Ingo e sentou-se à mesa. E, antes mesmo de fumar, também já estava rindo com seus dentes encardidos.

O nome verdadeiro de Moraes era Jobair dos Santos Antunes. Trazia o apelido da adolescência, por culpa de um jogador de futebol

chamado Moraes, com quem diziam que se parecia, um que chegou a passar pelo Bangu. Baixinho e invocado como Jobair. Filho único de um pescador pernambucano, órfão de mãe, Moraes tinha sido criado no subúrbio do Rio, na casa de uma tia, para onde se mudou depois que mataram seu pai numa briga. Qualquer um logo via que se tratava de um tipo nervoso, que não gostava de ser contrariado e nunca conseguia relaxar, nem quando fumava maconha. Assim como Ingo, era um ladrão puro-sangue, disposto a roubar qualquer coisa que pudesse ser roubada, de cargas de cigarros a lotes de vacinas vencidas. E, igual ao parceiro de quadrilha, ainda não havia sido detectado: não possuía ficha criminal até aquele momento.

Quando, na cozinha, cessou o riso e voltou o juízo, ao menos parte dele, Ingo e Moraes trocaram um olhar, coisa muito rápida, um flash, mas, dessa vez, ligado como estava, Miguel conseguiu captar. Achou que existia aprovação no que viu, e não se enganou: Ingo ergueu o copo de cerveja.

Bem-vindo ao time, Miguel.

Brindaram e beberam. Riram, agora de maneira mais comedida. Restou a Miguel, já em curva descendente no torpor provocado pela combinação álcool e maconha, a impressão de que Ingo tinha ficado bem mais satisfeito do que Moraes com sua admissão à quadrilha. Moraes parecia manter um pé atrás. Evitava olhá-lo nos olhos.

Essa impressão se desfez na hora em que os dois homens se levantaram para ir embora, e Moraes convidou Miguel a acompanhá-lo até o carro, estacionado debaixo de uma árvore, a alguma distância da casa. Tinha um presente para ele.

O carro era um Corcel novo, ainda com plástico cobrindo os assentos. Moraes abriu o porta-luvas e retirou dali algo embrulhado num lenço. Um tubo de lança-perfume da marca Universitário.



Explicou que tinham roubado uma carga enorme antes do Carnaval e ele havia confiscado um lote para recreação pessoal.

Depois que os homens partiram, Miguel demorou-se ainda mais um pouco na rua. O clarão da manhã começava a despontar lá pelos altos do seminário. Um cachorro latia de um jeito maníaco nas imediações. Passaram os operários da madrugada, a caminho do ponto de ônibus. Ele entrou em casa, sentou-se no boxe do chuveiro decidido a usar o lança-perfume. Achou que merecia. Deu uma *prise*. Duas. Embalou. Daí, cheirou até apagar.

Só voltou ao ar uns quarenta minutos mais tarde. Achou-se deitado no boxe, varrido de dor de cabeça e com um enjoo que não conseguiu converter em vômito, nem mesmo apelando para o dedo na garganta. Ele se despiu, atirou as peças de roupa e os sapatos para fora do boxe e ligou o chuveiro frio.

A despeito do mal-estar, sentia-se eufórico: estava dentro. De uma só tacada, conseguira se infiltrar na quadrilha e obter informações importantes sobre dois de seus homens, ambos da linha de frente. Poderia dar início ao mapeamento do bando. Possuía imagens de Moraes e Ingo conversando na cozinha, o som de suas vozes. O sotaque.

O sobrado era uma “casa de fachada”, com câmeras e microfones de escuta ambiental plantados em quase todos os cômodos. Um dos ambientes livres de vigilância era o banheiro, onde, naquele instante, Miguel enxugava, com uma toalha felpuda e movimentos lentos e cuidadosos, a cabeça, que pesava bem mais do que uma tonelada.

### 3.

Ele não viu, portanto não tem como saber. Resta-lhe apenas imaginar como foi a coisa toda. O horror.

Estavam rompidos, ele e o pai. Por motivo banal, como é comum nesses casos. Fazia semanas que não se viam nem se falavam.

A exemplo do que acontecia todas as manhãs, o velho saiu de casa antes das nove, levando o cão para as contingências matinais. Tinha acabado de completar setenta e um anos, estava com boa saúde, o porte atlético em lento declínio — os anos de moderação pagando agora os dividendos. O cão, na verdade uma cadela vira-lata, com manchas brancas na pelagem preta, atendia pelo nome de Bibi. Era o grande xodó do pai, uma concessão no rígido cotidiano de um delegado aposentado, viúvo, com notável inclinação para a vida solitária. Mal de família.

O velho soltou a guia da coleira. Livre, Bibi pulou para o interior de um canteiro de flores da praça onde desembocava a rua, atendeu ali, agachada, às necessidades de sua fisiologia, farejou fisiologias alheias. Enquanto isso, seu dono distraiu os olhos no entorno da praça: registrou as duas mulheres conversando através da grade de um sobrado; o rapaz de boné e camiseta berrante que fazia uma entrega da floricultura; o homem trêmulo atravessando a praça em passo hesitante, amparado por uma cuidadora vestida de branco — era novo ainda, sofrera um AVC, o ex-delegado sabia, avistava-o com frequência pelo bairro. Trocou a incômoda visão por um

colibri, que flutuava entre as flores do canteiro. Bibi afastou-se para o outro lado da praça. Ele assobiou.

Foi nesse instante que reparou na motocicleta que circundava a praça. Mais do que na moto, reparou nos rapazes, o condutor e o garupa, ambos jovens, de bermuda, chinelo e capacete.

Atendendo ao assobio, a cadela voltou para junto do velho e aguardou, sentada obediente nas patas traseiras, que a guia fosse reatada à coleira, o que não aconteceu de imediato. A atenção do dono se mantinha presa à moto, que acabava de estacionar diante da farmácia localizada na esquina.

Ele ainda enxergava bem, precisava de óculos apenas para leitura. Conseguiu ver, mesmo à distância, um detalhe curioso: um pedaço de papelão cobria a placa na traseira da moto. Os dois rapazes apearam e se encaminharam para a entrada da farmácia, sem remover os capacetes, o que ele também considerou suspeito. Não o surpreendeu, afinal, notar que um deles carregava uma pistola junto ao corpo.

A descarga de adrenalina foi enorme, o filho imagina. O pai tinha sido um tira de verdade, orgulhava-se da carreira, o instinto nunca desaparece por completo. O filho gosta de pensar que o velho se abaixou e, sem perder a dupla de vista, recolocou a guia na coleira do cão e, apressado, arrastou o animal rua acima, de volta para casa.

Demorou lá dentro o tempo exato do assalto.

Quando tornou a sair, trazia com ele seu Colt .45, arma na qual confiava muito. Embora não a utilizasse havia anos, desmontava e lubrificava a pistola com regularidade, deixando-a sempre pronta para uma emergência. Conhecia a alma daquele Colt: sabia que, por um defeito congênito, de fabricação, o impacto do disparo provocava um ligeiro desvio da mira para a esquerda, o que ele, exímio atirador, já corrigia de forma automática.



Alcançou a praça no momento em que os dois assaltantes saíam da farmácia. Consta que gritou. A se acreditar na simulação encenada por um programa policial que a TV exibiu na tarde seguinte, teria dito:

Alto lá! Os dois!

Daí se colocou em posição de tiro, a menos de cinquenta metros dos assaltantes, que se detiveram e se olharam pelo visor dos capacetes, decidindo como iam lidar com aquela intromissão inesperada. De acordo com a TV, ele gritou de novo:

Mão na cabeça!

(O filho assistiu à reconstituição: quem fazia o papel do pai era um ator gordinho, de peruca grisalha, bem mais novo do que o personagem retratado.)

Os assaltantes não obedeceram e voltaram a caminhar em direção à moto. Um deles levou a mão à cintura da bermuda, de onde despontava o cabo da pistola.

Não!, berrou o ator gordinho na TV.

(É razoável pensar que o pai tenha feito isso mesmo, imagina o filho.)

O rapaz ignorou a advertência. O velho abriu fogo. Deu quatro tiros.

Dois atingiram o peito do assaltante que tentou pegar a arma. O crânio do outro rapaz esfacelou junto com o capacete no terceiro disparo. O último projétil perfurou o abdômen definido da loira bonita que anunciava, num display de papelão em tamanho natural, os poderes mágicos de um chá, antes de alojar-se na parede da farmácia.

Não se pode falar em troca de tiros, como fez o programa da TV, nem em bala perdida — pensou-se, de início, que o homem do AVC e sua cuidadora tivessem sido alvejados (ambos caíram na calçada),

*image  
not  
available*

Urubu, Vesgão, Caruncho, Anal — um tipo magrinho, assustado na foto, o que teria feito para merecer a alcunha?

O homem que ele procurava atendia pelo apelido de Normal. O negro de cabelo platinado. Fazia parte de uma dinastia de bandidos do extremo sul da cidade — o pai estava num presídio federal e um tio e um primo tinham morrido em confrontos com a polícia. Normal. Dava para sentir a ironia latejando por trás do apelido.

Oberdã chegou do almoço escoltando a delegada titular do DP, uma loira madura e bonita de terninho escuro, salto alto e cabelo arrumado, parecia mais uma executiva de multinacional do que uma agente da lei. Foram apresentados. Trocaram um cumprimento que deixou na mão dele uma fragrância agreste. Falou-se do pai dele, com quem ela havia trabalhado no começo da carreira. Oberdã o surpreendeu com um abraço, que ele demorou um pouco a retribuir — fazia tempo que não se viam —, e o conduziu à Sala dos Investigadores, onde ofereceu água e café morno de uma garrafa térmica.

Os dois se conheciam da academia preparatória. Amigos distantes, pode-se dizer. Um esporádico churrasco de final de ano, o aniversário ou o funeral de algum amigo em comum, era como se encontravam. Nunca foram íntimos.

Ele sentou-se num velho sofá, depois que Oberdã abriu espaço empurrando uma pilha de inquéritos para um canto. O investigador apoiou o traseiro do jeans justo na mesa enquanto usava o telefone — pediu que um preso fosse levado da carceragem para a sala de identificação.

Ele sabia que Oberdã andava enrolado num procedimento interno que apurava o sumiço de um lote de drogas do cofre do distrito. Cocaína boliviana com um grau de pureza incomum. Valia uma nota.

Não era o pior de sua ficha. Pesava contra ele a fama de fazer parte de um grupo de extermínio a serviço da ditadura militar que oprimia o país na época. Um esquadrão da morte. Havia várias turmas de policiais operando nesses moldes, nem sempre na clandestinidade. Deixavam cartazes com o desenho de uma caveira sobre os cadáveres. Um pessoal sinistro.

E você, Oberdã quis saber, continua no bem-bom da Inteligência?

Não sei se é tão bem-bom...

Muita campana, pouca ação. Pra mim não serve. Preciso de movimento. Tá trabalhando com quem?

Na equipe do Olsen.

O investigador sorriu, malicioso:

Conheço a peça: bonitão, arrumadinho, perfumado. Gente boa. Ele ainda sai com aquela garota da TV?

Não sei, não acompanho essa parte.

Era público o envolvimento do delegado Olsen com uma apresentadora de televisão, uma loira de origem colombiana, bem mais jovem que ele. Os jornais populares requentavam a fofoca a cada aparição dos dois, à espreita de um escândalo de grande porte. Olsen era casado com a irmã do vice-governador.

Oberdã pegou um molho de chaves sobre a mesa e eles seguiram por um corredor mal iluminado, que fedia a creolina, com o investigador à frente. Entraram na Sala de Reconhecimento. Além do vidro, debaixo da luz, um preto esguio, sem camisa, de bermuda e chinelo, exibia o cabelo descolorido de cabeça baixa.

Foi pego numa blitz com uma moto roubada, o investigador informou. Tentou aplicar um documento falso.

Não é ele.

Certeza?

O cara que eu procuro é gordo.



Oberdã ficou desapontado. Mesmo assim, pressionou um botão no painel e curvou-se para falar ao microfone.

Levanta a cabeça!

O preso obedeceu. Mostrou medo e rancor nos olhos, e hematomas no lado esquerdo do rosto. Oberdã pareceu ler o pensamento dele e antecipou a explicação:

Caiu da moto durante a abordagem. Estava sem capacete.

Não é ele, não. O cabelo pintado é só coincidência. Tem muita gente usando.

Oberdã o encarou.

Gente que não presta, você quer dizer, né?

O investigador falou outra vez ao microfone:

Podem levar de volta pro xadrez.

Boa Vontade. O pedaço em que ele tinha nascido e crescido. A cada quinzena, regressava ao bairro, em geral visitas rápidas. Nunca avistava ninguém das antigas, não dava essa chance, evitava ir aos lugares onde sabia que isso podia acontecer.

A casa do pai permanecia como o velho a deixara. Ele passava para recolher a correspondência, as contas de água e luz, para regar um quintal repleto de vasos com plantas que teimavam em sobreviver. Enquanto não decidia o que fazer com o imóvel — era o único herdeiro.

Numa ocasião, em meio aos folhetos promocionais, emergiu, enrugado pela chuva, um envelope com o logotipo de uma editora de publicações eróticas. Uma cobrança. E não era pouco dinheiro: quase meio salário mínimo. Aquilo o intrigou a ponto de vasculhar a casa em busca não sabia ao certo do quê. Nada encontrou que desabonasse a conduta do velho.



Talvez mereça registro que, na gaveta da mesa de cabeceira, achou diversas embalagens de camisinhas com o prazo de validade expirado. No guarda-roupa descobriu que o pai conservava os vestidos, a roupa íntima e os sapatos da mulher, morta fazia mais de uma década.

Ainda enfeitavam as paredes do quartinho nos fundos do quintal, seu refúgio preferido na juventude, pôsteres em papel brilhante de artistas de cinema e uma foto da seleção de futebol, tricampeã do mundo três anos antes, desbotada na parte atingida por uma mancha de infiltração.

Perdeu a noção do tempo manuseando jornais velhos e papéis inúteis estocados num armário. Havia recibos, contas antigas, extratos bancários, documentos variados de distritos policiais onde o velho dera o sangue. Parecia que o pai tinha guardado todo e qualquer papel com que teve contato na vida.

Quando saiu para o quintal, na luz inclinada da tarde, deu com a cara rechonchuda espiando por cima do muro. Amélia, a filha abobada do vizinho.

Uma visita ao rosto daquela criatura poderia destacar o equilíbrio dos traços, o frescor da pele, a delicadeza do nariz, os imensos olhos verdes, sempre esbugalhados. Porém teria de mencionar também o vazio que existia ali, um tipo de ausência. E o mais perturbador: os lábios deformados pelo começo de um riso perene.

Pelos cálculos dele, Amélia deveria estar chegando aos trinta anos. Aparentava vinte. Mentalmente, estava bem abaixo disso. Era mãe solteira de uma menina muito parecida com ela, filha de pai desconhecido.

Me dá um cigarro?

Não tenho, Amélia, eu não fumo.

*image  
not  
available*

cigarro a uma bituca, que ela descartou, displicente, atrás de si. Acendeu outro. E pareceu dar-se conta de algo crucial:

O velho não vai mais voltar, né?

Você não lembra do que aconteceu?

Um esgar semelhante a uma emoção se esboçou no rosto dela, breve, e logo se dissipou.

Ah, é, ela disse, sem muita convicção.

E, envolta na fumaça do cigarro, assistiu quieta enquanto ele recolhia a mangueira usada para regar as plantas dos vasos e guardava no quartinho. Ele já estava de saída quando Amélia falou, a um só tempo para ninguém e para o cosmos:

O homem levou a Bibi.

O comentário o deteve. Ele voltou a se aproximar do muro e a encarou.

O que você viu, Amélia?

O homem foi embora com a Bibi.

Como ele era?

Preto. Gordo. Cabelo branco...

Um velho?

Amélia agitou a cabeça, frenética.

Não! Não. Cabelo pintado.

Ele esperou, paciente, que ela desse outro trago aflito no cigarro e soprasse a fumaça para o alto. Adoçou a voz:

O que mais você viu, Amélia?

Ela abriu a boca, e assim ficou, sem emitir som algum, dando a impressão de que a lembrança não chegou por inteiro à sua mente complexa e turva. Contudo foi horror suficiente para franzir-lhe o rosto. Amélia começou a descer a escada.

Tenho que entrar.